

A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA PARA A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL ¹

Mariana Henz Taglietti²
Adriana Bragagnolo³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre as potencialidades da documentação pedagógica nos processos de aprendizagem na educação infantil, considerando que, apesar de essa não ser uma inovação, ainda é pouco vivenciada e compreendida no campo educacional. Conhecendo a importância da pedagogia da escuta para a aprendizagem na educação infantil, o objeto de pesquisa se delineou como: em que medida o ato de documentar contribui para acompanhar o desenvolvimento das crianças, qualificando a avaliação e potencializando a visibilidade das mesmas. A metodologia de pesquisa, é de abordagem qualitativa e cunho bibliográfico. Conclui-se que a documentação pode ser uma grande aliada para dos processos de aprendizagem e avaliação, o que pode instituir uma proposta para a educação infantil que respeita o direito das crianças de serem ouvidas e acompanhadas em seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Crianças. Educação infantil. Documentação pedagógica. Avaliação.

Introdução

Inspirada em minha prática docente com a Educação Infantil, parto da ideia de que o ato de documentar tem papel fundamental nos processos vivenciados e problematizados nas escolas. Tudo pois, este possibilita acompanhar e reavaliar, minuciosamente, tanto a metodologia, como seus resultados – sejam esses positivos ou não.

Além do mais, mesmo com avanços nas pesquisas e nas políticas públicas para a infância, cabe ressaltar, que vivemos em uma época na qual a cada dia temos maior certeza de que precisamos buscar boas referências, a fim de reverter o cenário fragilizado em que a educação brasileira se encontra. Portanto, é indiscutível que temos um longo caminho a percorrer, porém, há caminhos que podem e devem ser seguidos na busca da melhora do ensino e da aprendizagem de nossas crianças - o que inclui o trabalho de documentação nas escolas. Sendo assim, não poderíamos deixar de apreciar as heranças de Loris Malaguzzi, com a pedagogia da escuta, de Freinet, com “O livro da vida” e Dewey, com suas práticas de reflexão.

O tema tem diferentes tratos e dimensões, porém seu recorte nesse estudo se refere ao acompanhamento do desenvolvimento e do pensamento infantil, o que trará um olhar diferenciado, a fim de subsidiar a avaliação na educação infantil com base na documentação.

Sendo assim, a questão da pesquisa foi sendo definida com base em alguns questionamentos: de que maneira os educadores podem assegurar que as crianças estejam sendo

¹ Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo.

³ Professora do Curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo.

ouvidas e, na mesma medida, compreendidas? Quais estratégias podem contribuir para que as crianças sejam vistas nos processos de avaliação? Desse, modo problematizamos: em que medida o ato de documentar contribui para acompanhar o desenvolvimento das crianças, qualificando a avaliação e potencializando a visibilidade das mesmas?

A pesquisa tem como objetivo fundamental compreender as potencialidades da documentação pedagógica como estratégia de avaliação nos processos de aprendizagem na educação infantil. Para isso, será investigada a origem da documentação pedagógica no Brasil e no mundo, pesquisado no que consiste o ato de documentar e, por fim, reiterando a valia da documentação como forma de avaliação.

Destaca-se que esta investigação é de abordagem qualitativa, pois visa analisar fenômenos sociais e do comportamento humano e busca um conhecimento mais contextual, que atenda a situações particulares (ESTEBAN, 2010), a exemplo do que diz respeito a educação de crianças. A pesquisa é exploratória, com base em revisão bibliográfica de pesquisas da área.

Portanto, o artigo está estruturado em três seções: a primeira contextualiza a origem de documentar no Brasil e no mundo e problematiza a compreensão dessa ação. A segunda aborda o ato de documentar por conceitos e definições construídas cientificamente na área da educação. E por fim, a terceira e última, apresenta a documentação pedagógica como uma estratégia para a avaliação na Educação Infantil.

1. Contextualizando a origem de documentar no Brasil e no mundo

A presente seção tem a intenção de historicizar, brevemente, a origem dessa abordagem e sua constituição nos processos pedagógicos pelo olhar de diferentes pesquisadores brasileiros. Conforme Marques e Almeida (2011), o conceito de documentação pedagógica começa a ser difundido, internacionalmente, na década de 1990, momento que até então essa questão estava mais restrita no contexto italiano, pela experiência desenvolvida em uma pequena cidade denominada por Reggio Emilia.

Marques e Almeida (2011), relatam que a documentação, enquanto elemento inerente à pedagogia da infância, não pode ser vista exclusivamente como uma inovação no campo pedagógico, uma vez que, pela história da educação, já se conhecem experiências pregressas de documentar. Constatou-se, a exemplo, registros de Freinet, em 1969, que pode-se chamar de pioneirismo da documentação. Ou seja, as autoras chamam a atenção para o fato de que a documentação pedagógica não é algo novo e sim, pouco explorado.

Complementando esta ideia, Gontijo (2011) pronuncia, que a documentação pedagógica desde a Reggio Emilia é vista como um instrumento imprescindível para a prática de uma pedagogia reflexiva e democrática. Esta, mesmo não sendo nova na educação, vem ganhando força nos processos de práticas docentes. Destacam John Dewey e Élise Freinet como grandes influenciadores no que refere-se a origem do cunho reflexivo e comunicativo com crianças.

Dewey, em sua perspectiva filosófica acreditava que “o pensamento reflexivo faz um ativo, prolongado e cuidadoso exame de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, exame efetuado à luz dos argumentos que a apoiam e das conclusões a que chega” (DEWEY, 1979, p. 18 apud GONTIJO, 2011, p.5). Isso reporta, portanto, a práticas de registros que provocam a reflexão referente as ações pedagógicas e ao trabalho docente em si.

Já, Freinet, em meados de 1975, baseado em suas experiências como professor, firmava-se na ideia de valorizar o pensamento infantil, bem como, os trabalhos coletivos a partir de registros. Estes eram feitos como forma de desenhos e textos em um caderno, de acordo com o que considerava importante no decorrer do dia.

Cristina Mendonça (2013), ao citar Sampaio (1989) relata que neste caderno:

[...] ficavam gravados os momentos mais vivos e as anotações podiam ser feitas por quem o quisesse, inclusive por Freinet. [...] E ele constitui um documento vivo que pode e deve ser lido por todos os que estão diretamente ligados às crianças: pais, amigos, colegas e visitas. Freinet, em 1928, em um de seus boletins assim se expressou: “Pois nossos ‘livros da vida’ e nossos jornais, onde se exprimem livremente nossos alunos, constituem, a partir de então, milhares de depoimentos sobre a vida e o desenvolvimento infantis. Somos capazes, agora, de estudar a vida das crianças em todos os meios e em todas as idades: seus pensamentos mais íntimos, seus sonhos, suas brincadeiras, sua concepção do mundo etc. Podemos definir de modo seguro os interesses e necessidades sobre os quais se pode apoiar a pedagogia do futuro” (SAMPAIO, 1989, p.23, 51 apud MENDONÇA, 2013, p.3).

Esta metodologia foi denominada por Freinet como “O Livro da Vida”, sendo um lugar para descrever o que já foi feito e, também, como lugar que pode ser revisitado. Ou seja, escrever/registrar para preservar a informação e, sobretudo, para refletir acerca do vivido, acompanhando de perto o que havia de mais essencial no desenvolvimento infantil.

Assim, temos um preâmbulo da documentação pedagógica. Mas o reconhecimento foi se dando pelas marcas do contexto educacional italiano. Conforme o que Marques e Almeida (2011) abordam em suas pesquisas, com Lóris Malaguzzi⁴ temos o aprofundamento do conceito

⁴ Loris Malaguzzi: pedagogo que esteve na linha de frente da gestão das pré-escolas municipais da cidade de Reggio Emilia, em parceria com educadores, crianças e famílias (MARQUES; ALMEIDA. 2011, p.415).

de documentar e sua consolidação. Tudo enquanto elemento de uma pedagogia voltada para a infância e atenta ao desenvolvimento da criança e da cultura produzida pela mesma.

Tendo como enfoque a educação de crianças pequenas, a abordagem Reggio Emília, ao norte da Itália, passa a ser reconhecida mundialmente pela excelência e qualidade das experiências educativas desenvolvidas, baseadas na “teoria das cem linguagens”, elaborada por Malaguzzi. Desse modo, dentre as estratégias pedagógicas que o professor criou, uma delas foi a que nos referimos. Melo, Barbosa e Faria (2017, p.9) apontam que estudos de Alfredo Hoyuelos⁵ mostram a gênese desse processo:

Quando Lóris fazia seu trabalho de consultor pedagógico em Modena, já exercendo o cargo de gestor em Reggio Emília, sugeri para as professoras que elaborassem um diário numa caderneta, onde deveriam, com todo o cuidado, anotar e refletir sobre tudo aquilo que acontecia em sala e que “recolhesse a essência da vida na escola”. O objetivo era conversar, discutir sobre esses escritos com ele e outros colegas no momento da formação. Esse pequeno caderno foi a gênese da documentação pedagógica que, pouco a pouco foi expandindo suas três funções (2017, p. 9).

É a partir deste contexto, que o conceito e a prática da documentação pedagógica na educação infantil ganha forças e vai expandindo para as funções que lhe cabem, dentre elas a função política, na relação família, escola e comunidade; o modo de acompanhar o desenvolvimento infantil e a reflexão sobre o processo (MELO, BARBOSA E FARIA, 2017, p.9). Ela surge como instrumento de pesquisa para o professor, fornece base para o planejamento, tendo como ponto de partida a observação a partir dos interesses e das necessidades demonstradas pelas crianças, em uma pedagogia da escuta.

Mendonça (2013), de modo igual afirma que o termo documentação pedagógica emerge na realidade brasileira (na educação infantil), a partir das experiências italianas, com a intencionalidade de dar visibilidade a várias formas de entender a criança, seus feitos, suas descobertas e seus processos de aprendizagem que ocorrem durante o processo educativo nas escolas.

Na pesquisa intitulada “A documentação pedagógica na abordagem de Reggio Emilia”, Marques e Almeida (2011) destacam o momento em que o termo “documentação pedagógica” chega até o Brasil:

⁵ Obra: HOYUELOS, Alfredo. Loris Malaguzzi: biografia Pedagógica (2004)

[...] especialmente a partir da divulgação de bibliografia relacionada à experiência italiana para a educação infantil, com destaque para aquela da cidade de Reggio Emilia. O reconhecimento internacional da qualidade educativa das pré-escolas emilianas contribuiu para a ampla divulgação da experiência, acolhida no Brasil e alimentada pela tradução e publicação de textos por editoras nacionais e a realização de cursos e palestras sobre a abordagem, por vezes assumida como “modelo” para a educação de crianças pequenas e consumida de forma acrítica por educadores (MARQUES; ALEMEIDA, 2011, p.5).

Embora não se saiba como ocorreu a apropriação teórico-metodológica desse material, cabe dizer que, conforme as autoras, quando essas publicações chegaram até o nosso meio (Brasil), na década de 1990, destacavam-se pelo modo particular em que as escolas italianas fundamentavam suas práticas – além, das exímias condições de trabalho oferecidas pelas mesmas. Chamavam a atenção pela divulgação da “riqueza de espaços, materiais e experiências construídas junto às crianças” (MARQUE; ALMEIDA, 2011, p.4). Afirmavam que, em um contexto brasileiro mais recente, percebeu-se que o conceito de registro de práticas, tanto no meio acadêmico com no meio de práticas pedagógicas com a educação infantil, se dá essencialmente por meio de diários de bordo, portfólios e, por fim, pela documentação pedagógica.

Diante disto, ressaltam que ambas as práticas apresentam pontos de aproximação e distanciamento entre si. Porém todas mantêm um ponto em comum, que vai ao encontro com as ideias de Malaguzzi: a concepção do ensino como práxis reflexiva. Com isso, conceituam a documentação pedagógica apresentada no contexto italiano da educação infantil como a ideia que:

[...] assume particularidades nos diferentes espaços, pois não há uma forma única de documentar. A concepção de documentação na abordagem de Reggio Emilia insere-se em uma proposta pedagógica mais ampla que considera a importância da escuta e da observação e vê as crianças como “competentes” e portadores de “cem linguagens” (MALAGUZZI,1999).

Mas a práxis da documentação não se resume a esta abordagem; a produção bibliográfica sobre o tema é bastante extensa, e ainda pouco divulgada no contexto brasileiro. Em linhas gerais, podemos conceituar documentação pedagógica como sistematização do trabalho pedagógico, produção de memória sobre uma experiência, ação que implica a seleção e a organização de diferentes registros coletados durante o processo (MARQUES; ALEMEIDA, 2011, p.5).

É com a sistematização do trabalho pedagógico que elevamos a escuta e observação dos meninos e meninas, para perceber o quanto são sujeitos capazes e embalados pelas linguagens que os cercam. Ao documentar, nessa direção, possibilita-se que os professores possam produzir memórias para o processo contínuo de formação, vivência proporcionada pela

inspiração na experiência malaguzziana. Logo, é indiscutível que Loris Malaguzzi foi um grande precursor na educação, bem como, no ato de documentar, registrar e, deste modo, valorizar o trabalho feito com as crianças em salas de aula. Foi ele quem deu voz a estes pequenos, que até então, raramente haviam tido a oportunidade de serem ouvidos. Na próxima seção, serão expostas algumas reflexões sobre o ato de documentar.

2. Em que consiste o ato de documentar?

Em consonância com as reflexões da seção anterior, Pereira e Silva (2019) afirmam que documentar pode ser considerada uma estratégia para dar voz às crianças e às suas infâncias, em um processo cooperativo de escuta entre professor e aluno. Para tanto, destaca-se a necessidade da realização do registros das experiências de aprendizagem, vivenciadas pelas crianças em contexto escolar, para então, “dar visibilidade às suas vozes, preferências, gostos, curiosidades, interesses e necessidades” (PEREIRA; SILVA, 2019, p. 105).

Ou seja, o registro é um recurso, que quando bem aproveitado e explorado, possibilita que professores e crianças tenham uma relação dialógica de ensino. Nessa relação o educador assume o seu papel de mediador e problematizador e dá voz aos educandos que, deste modo, guiarão o ensino conforme suas indigências.

Complementando esta ideia, Pereira e Silva (2019), conceituam a documentação pedagógica como:

[...] o material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira com que o pedagogo se relaciona com elas e com o seu trabalho. Tal material pode ser produzido de muitas maneiras e assumir muitas formas – por exemplo, observações manuscritas do que é dito e feito, registros em áudio e vídeo, fotografias, gráficos de computador, o próprio trabalho das crianças. Este material torna o trabalho pedagógico concreto e visível (ou audível) e, como tal, é um ingrediente importante para o processo da documentação pedagógica (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 194 apud PEREIRA; SILVA, 2019, p.105).

Trata-se de uma escuta ao inesperado, ao novo, já que não observa-se para documentar o que já sabemos. A documentação, sobre a perspectiva de Malaguzzi (1999), fundamenta-se na necessidade de compreender o ponto de vista das crianças. Valorizar a capacidade que têm em produzir conhecimento sobre si e sobre o mundo e, a capacidade de elaborar teorias sobre as experiências vividas.

Mendonça (2013) afirma que é a partir da produção de documentação que tornar-se visível o processo de aprendizagem de nossos alunos aos pais, permite-se que os educadores se

constituam pesquisadores de sua prática, aprimorando-as e reconstruindo-as junto da caminhada de aprendizagem de seus alunos e, por fim, oportuniza-se que as crianças possam visualizar novamente suas experiências olhando o que disseram e ouviram, possibilitando que, mais tarde, reinterpretem suas vivências de modo mais profundo.

Portanto, os benefícios da documentação vão além da relação entre professor e crianças. Trata-se do fortalecimento das relações entre todo o grupo e com a comunidade, seja este na escola, ou para além dela.

Em concordância com estas ideias, Davoli (2017) narra a importância do ato de documentar, mas alerta que, independentemente do meio utilizado, a documentação deve acontecer durante todo o processo de construção do conhecimento e não somente no fim da experiência:

Esse processo de deixar e recolher rastros reúne, em primeiro lugar, os adultos, mas também os pequenos. Obviamente, de formas diferentes, mas todas elas com rastros e instrumentos que nos ajudam a percorrer de novo a experiência vivida. Não são apenas memória de algo que já aconteceu, são também processos que nos permitem compreender como fizemos o que fizemos (DAVOLI, 2017, p.28).

Em outras palavras, a autora retrata a documentação como um instrumento que vai além do registro a partir de textos, fotos, filmagens e entre outros. Trata-se da articulação de todos estes elementos, para assim, compor o registro de um momento com o fim de evidenciar e qualificar o desenvolvimento da aprendizagem seja ele, do educando ou de seu educador.

Além de tudo, cabe dizer que, em toda boa observação devemos ter em mente o que esperamos com aquela atividade, ou o que esperamos que aconteça com as crianças, se almejamos muito ou pouco naquele momento. Não podemos ir “despidos”, devemos ter perguntas que nos levam a refletir, questões que “não são uma jaula, mas um terreno fértil que nos ajuda a captar o inesperado” (DAVOLI, 2017, p.28).

Como em trabalhos científicos, na observação em sala de aula, quanto mais hipóteses tivermos sobre determinada situação, mais habilitados estaremos para compreendê-la. Portanto, observar é mais que o ato de analisar, implica pensar e repensar sem pré-conceitos.

Trata-se de observar e registrar a partir de um roteiro. Roteiro este, que deve conter objetivos claros e bem definidos, a fim de afunilar e direcionar ainda mais o olhar, conforme o que foi planejado para aquele momento. É importante que o professor lembre dos objetivos, necessidades e demandas das crianças para cada ocasião.

Davoli (2017) alerta para o risco de que esses materiais registrados permaneçam esquecidos, em silêncio, o que acabaria por invalidar todo o trabalho. Portanto após a execução

de recolhimento de todo o material (a partir das observações), é imprescindível dedicar tempo para interligá-los (linguagem oral às fotografias, as produções das crianças aos desafios lançados e assim por diante...) e interpretá-los, relacionando a teoria e a prática para construir novos conhecimentos.

Além do mais, devemos saber a quem queremos comunicar com todo esse processo de observação e tomada de informações. As famílias? A formação de professores? A própria turma? Que tipo de documentação nós queremos? Por quê? Para quem? Ou seja, para que seja possível avançar em nossos pensamentos e em nossa maneira de ensinar, devemos fazer recortes do que queremos destacar. O que não significa perder de vista o contexto.

Ribeiro, Corrêa e Martins (2017), apontam a documentação como instrumento de aproximação entre aluno e professor e, conseqüentemente, de um olhar mais sensível as manifestações das crianças perante suas singularidades. O que implica no adulto, uma postura mais investigativa, onde é preciso entender o que não é dito, buscar o que está explícito e implícito:

[...] ler os gestos e os sentidos, estar aberto a um processo de estranhamento da nossa prática habitual, inaugurando um deleite rumo às significações da infância. O projeto educativo capaz de dar visibilidade a criança, capaz de construir seus próprios poderes de pensamento através de uma síntese de todas as linguagens expressivas, comunicativas e cognitivas, reconhece a potencialidade da criança, mas também que, a criança não é um investigador solitário (RIBEIRO, 2017, p.5-6).

Portanto, deve-se pensar na documentação pedagógica como parte da pedagogia da escuta. Pedagogia esta, que se traduz como sensibilidade em conhecer o outro e desconhecer-se. De escutar todos os sentidos, em um ato de acolhimento as diferenças, não somente mediados, mas próprios das interações entre os sujeitos que se comunicam (crianças).

Nesta perspectiva, é o diálogo que possibilita o outro sair do anonimato, tornar visíveis seus saberes, indagações e/ou explicações sobre o mundo. Sendo assim, busca-se a qualidade da comunicação, a fim de enriquecer teorias em um contexto de ricos confrontos.

Para Mendonça (2013), o processo de documentação consiste em três ações essenciais já mencionadas no texto, mas que merecem um detalhamento: observar, registrar e refletir. Para a autora, tais ações são consideradas estruturantes. Isso se justifica, pois parte do pressuposto de que, quando o professor observa e registra os processos de ensino e aprendizagem e reflete sobre os mesmos, ele estará discutindo sobre suas ações e decisões, o que “tornará a sua prática mais reflexiva e significativa, podendo agir na formação de capacidades humanas em níveis mais elevados” (MENDONÇA, 2013, p.4).

Sendo assim, debruçemo-nos sobre o valor de tais conceitos para a autora:

- Observar: requer “clareza nos objetivos, direcionamento do olhar, ordenação e seleção de aspectos vividos pelas crianças e que são relevantes serem acompanhados e registrados” (MENDONÇA, 2013, p.4). Implica saber o que deseja-se constatar com a observação, delimitar quais crianças serão observadas, que informações serão destacadas e como pretende-se coletá-las;

- O registro: recurso que tem como objetivo evitar a perda de manifestações significativas das crianças observadas em sala. Trata-se de uma ação que descreve o que já foi. O que implica em: escrever, filmar e fotografar uma informação, uma ocorrência, um fato e/ou situação:

Registrar é um modo de expressar o contexto, dialogando com ele. Registrar significa uma possibilidade de percorrer e reconstruir mentalmente fatos e situações, porque se configura como uma atividade intencional, quando exercida com o objetivo de oferecer elementos favoráveis à reflexão compromissada com o aperfeiçoamento do trabalho docente, porque compreendido como espaço mediador para potencializar a aprendizagem (MENDONÇA, 2013, p.8)

- Reflexão sobre os registros: mais do que pensar sobre o que foi feito, ao refletir busca-se pensar sobre a totalidade dos fatos, entrelaçando a teoria e a prática afim de não resvalar no senso comum. É elaborar e reelaborar sua própria prática e assim, torná-la consciente e intencional.

Sendo assim, conclui-se que, a partir do ato de documentar (o motivo pelo qual observou, registrou e refletiu) o professor vai construir, junto de seus alunos, significados a todo o seu trabalho: para que o realiza, para que o ensina e para que seus alunos aprendem? Ou seja, é neste processo que supera-se a ideia, antiquada, de produzir materiais com relatos escritos e “trabalhinhos” das crianças para mostrar a “proposta” das escolas.

Fica claro que a documentação vai muito além de uma simples observação. São necessárias estratégias, planejamento e, sobretudo, objetivos traçados para que os melhores resultados possam ser adquiridos. Tais olhares sobre a educação devem ser elaborados e produzidos, habilitados através do entrelaçamento da teoria e da prática no dia a dia escolar.

Essa estratégia vem para mostrar que é possível atrelar a teoria e a prática, a partir do reconhecimento do trabalho de professores e crianças, visando a valorização da escuta e do pensamento infantil, perante o que foi observado, registrado e analisado nos processos de ensino-aprendizagem.

3 A documentação pedagógica como estratégia para a avaliação na Educação Infantil

Como vimos acima, a documentação pedagógica nas escolas, pode assumir diferentes traços, a depender de seus objetivos e destinatários – já que trata-se de um trabalho sistemático, de observação e reflexão sobre a aprendizagem dos alunos e sobre as vivências construídas e constituídas entre as crianças e seu educador -, podendo ser um deles, o de avaliar na educação infantil.

Segundo Pereira e Silva (2019), conforme o que está definido por avaliação na educação infantil, pela legislação educacional brasileira, exige-se do professor assumir a documentação pedagógica como parte da sua ação docente. Mas afinal, o que diz a legislação?

Conforme o que está posto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), as instituições de educação infantil devem criar procedimentos capazes de acompanhar o trabalho pedagógico e o desenvolvimento das crianças “sem objetivo de seleção, promoção ou classificação” (BRASIL, 2010, p.28).

Além do mais, estas estratégias devem garantir:

A observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; Utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.); A continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental); Documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil; A não retenção das crianças na Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.28).

Já, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2019), enaltece o papel intrínseco do professor no que se refere a refletir, planejar, mediar e monitorar as crianças em seus conjuntos de práticas e interações. Além do mais, destaca-se a necessidade de acompanhar a trajetória de cada criança e observar seus avanços, possibilidades e aprendizagens. Estes, devem ser realizados:

Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças (BRASIL, 2019, p.41).

Isso significa que o objetivo é bem mais amplo do que muitas vezes se compreende, são possibilidades de garantir os direitos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças – integrando, desse modo, o processo de avaliação. Ao partir destes pressupostos, Pereira e Silva (2019), ao considerar que a documentação pedagógica inclui as orientações postas na legislação, no que se refere a avaliação - já que há o registro das falas e ações das crianças (seja pela escrita ou pelo audiovisual), de suas expressões (fotográficas e audiovisual), e de suas produções (desenhos, modelagens, pintura e construções) - , constitui-se a mesma como um recurso imprescindível para a avaliação na primeira etapa da Educação Básica no país.

Ao citar Hoffmann (1996, p.48 apud PEREIRA; SILVA, 2019, p.115), afirma-se a documentação como ferramenta fundamental para resgatar o sentido essencial da avaliação na educação infantil, já que nos é permitida a reflexão permanente e sobre as crianças, como elo na continuidade da ação pedagógica.

Ao relatar o que as crianças falam (na documentação), estamos enaltecendo o protagonismo da criança na construção do conhecimento. Ali, revela-se o diferencial em posto na educação infantil, que, geralmente, não se reproduz em outras etapas da educação. Trata-se da prática docente respeitosa, no que diz respeito aos processos de desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

Em outras palavras, pode-se dizer que a documentação pedagógica vai ao encontro com as ideias constadas na produção científica sobre esse tema e em nossa legislação no que refere-se a avaliação na educação infantil, já que a mesma não tem a intenção de classificar ou promover (ou não) as crianças. Mas sim, de acompanhar os seus processos de aprendizagem de diferentes ângulos, onde ela mesma seja a protagonista. E é isso que deve-se buscar para uma educação de crianças onde garantem-se seus direitos de aprender e de se desenvolver.

Machado, Silva e Bohnen (2016), ao falar de avaliação na educação infantil, relacionam-a com a grandeza dos viveres das práticas cotidianas. Ou seja, não trata-se de grandes acontecimentos mas, no que ocorre no dia-a-dia e nos pequenos eventos:

[...] a avaliação na perspectiva da valorização torna-se intrínseca em nosso fazer pedagógico. O planejamento cotidiano dos espaços e situações de aprendizagem emerge para ampliar experiências e valorizar o fazer das crianças, os acontecimentos e encantamentos. A avaliação como instrumento que tem o objetivo de valorar, acompanhar e contar sobre o viver das crianças no espaço da escola, um viver que por essa ótica se torna digno da escuta atenta do adulto (MACHADO; DA SILVA; BOHNEN, 2016, p.7).

Segundo as autoras (2016), trata-se de inverter a lógica escolar em que estamos aprisionados. Rotinas pautadas, no tempo, de olho no relógio, para aprender a lógica temporal

da infância. Logo a infância! Tempo em que admira-se, encanta-se e vive-se intensamente.

Neste contexto, é necessário aprender a observar, desfrutar e se entusiasmar com cada repetição, para assim, valorar cada pequeno acontecimento. Com isso, tem-se a ideia de documentação pedagógica como avaliação e avaliação enquanto acompanhamento de uma pedagogia da escuta. Sendo assim, avaliar passa a ser visto como um processo cotidiano:

[...] de documentar e dar valor ao encontro com as crianças, potencializando um contexto de escuta que torna visível os percursos de aprendizagem e que, por isso mesmo, favorece a autoria docente, constituindo uma atitude de investigação que busca atribuir sentido e significado ao vivido cotidianamente com as crianças MACHADO; DA SILVA; BOHNEN, 2016, p.8)

Destaca-se ainda, conforme Pereira e Da Silva (2019), ao citar Fortunati (2012, p.6 apud PEREIRA; DA SILVA, 2019, p.102) que ao considerar a avaliação no âmbito da Educação Infantil, compete ao professor ler os significados das ações de suas crianças quanto, ter a habilidade de descrevê-las e interpretá-las da forma correta, sem diminuir-lhe o valor.

Contudo, não há receitas ou modelos a serem seguidos. Se faz necessário representar fidedignamente a prática desenvolvida e os processos vivenciados por cada criança, cada uma em seu contexto específico. Assim, estaremos respeitando os direitos das crianças e proporcionando um processo de avaliação capaz de representar as aprendizagens e o desenvolvimento infantil. É nesse conjunto, que devemos ver a documentação pedagógica como aliada nesta etapa encantadora, da educação básica - a educação infantil.

É urgente quebrar a velha e antiquada lógica de avaliar para classificar ou penalizar. Temos ferramentas que comprovam que há lindos caminhos que podem ser seguidos, onde o objetivo é qualificar ainda mais a aprendizagem - seja esta das crianças ou dos adultos que as acompanham. Assim, teremos resultados fantásticos, capazes de lançar olhares deslumbrados para a educação de crianças – algo nunca visto em nosso contexto, até então.

Considerações Finais

Com base no estudo realizado, constata-se que a documentação pedagógica é um tema rico, porém, infelizmente, pouco explorado nas escolas. Apesar de não ser considerada “uma inovação” no campo pedagógico, quando bem aproveitada, pode enriquecer grandiosamente as experiências vividas em sala de aula.

O presente trabalho teve a intenção de compreender as potencialidades e elucidar os benefícios da documentação pedagógica como estratégia de avaliação nos processos de aprendizagem na educação infantil, através de uma pesquisa bibliográfica.

Mesmo com belos relatos de seu bom uso fruto, nos estudos de Freinet, em 1969, ou, com Dewey, em 1979, foi somente na década de 1990 que começou-se a difundir a ideia de documentar para o ensino nas escolas. nTudo, graças a divulgação de uma experiência desenvolvida em um pequena cidade italiana, denominada por Reggio Emilia. E é partir desse contexto, que o conceito e a prática de documentar (registrar/observar) a ação pedagógica, ganha forças.

Sendo assim, passa-se a considerar a documentação como uma estratégia, capaz de envolver a família, a escola e a comunidade - tendo em comum um princípio inegável: o do acompanhamento integral do desenvolvimento das crianças em seus processos de aprendizagem. Ou seja, ao documentar vamos muito além de uma simples observação. Para isto, se faz necessário muito planejamento e objetivos traçados, a fim de entrelaçar a teoria e a prática no dia a dia nas escolas. Deste modo, pode-se afirmar que a documentação pedagógica pode ser assumida como instrumento de avaliar na educação infantil.

O maior desafio, ao avaliar, a ser superado, está em representar, fidedignamente, o que foi experienciado em sala de aula. Quais foram os desafios? Quais foram os avanços? Como chegaram (professor e aluno) nestes resultados? O que pode ser aperfeiçoado e melhor aproveitado? Responder a todos esses questionamento só pode ser possível através de uma minuciosa observação e por conseqüente, análise dos fatos. Análise esta, fruto de uma rica e delineada documentação.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília; MEC, 2019. Disponível em <
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em < 19/04/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil /Secretaria de Educação Básica*. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

DAVOLI, Mara (in). MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart (Orgs). *Documentação pedagógica: teoria e prática*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

ESTEBAN, Maria Paz Sandin. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010.

GONTIJO, Flávia Lamounier. *Documentação pedagógica como instrumento de reflexão e produção docente na educação infantil*. Janeiro 2011. Disponível em <<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1303>>. Acesso em 10/10/2018.

MACHADO, Niqueli Streck; DA SILVA, Anna Paula Lopes; BOHNEN, Rosimeri. *Documentação pedagógica como atitude de autoria e investigação docente*. Abril 2016. Disponível em < <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14790>>. Acesso em 25/03/20.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel. *A documentação pedagógica na abordagem de Reggio Emilia*. Junho 2011. Disponível em < <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/155/0>>. Acesso em 26/08/2019.

MARQUES, Amanda Cristina Tesgno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel. *A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades*. Setembro-dezembro 2011. Disponível em < <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/315/283>>. Acesso em < 25/03/2020.

MENDONÇA, Cristina Nogueira. *A documentação pedagógica como processos de investigação e reflexão na educação infantil*. Setembro 2013. Disponível em < https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7397_4191.pdf>. Acesso em 25/03/2020.

RIBEIRO, Patricia Celli da Silva; CORRÊA, Ivana de Oliveira; MARTINS, Rita de Cássia. *A documentação pedagógica como reveladora das potencialidades das crianças*. Janeiro-Dezembro 2017. Disponível em < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24715_13365.pdf>. Acesso em 25/03/2019.

PEREIRA, Jorgiana Ricardo; SILVA, Fátima Sampaio. *Avaliação na educação infantil e a pedagogia da relação e da escuta: documentar e refletir sobre a experiência educativa*. Janeiro-Junho 2019. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n39p99/38583>>. Acesso em 25/03/2020.